

Letícia Orfali Chade

Formação de Público para a Dança: O papel das Companhias de Dança
na educação para a cultura

CELACC/ECA-USP

2009

Letícia Orfali Chade

Formação de Público para a Dança: O papel das Companhias de Dança
na educação para a cultura

Trabalho de conclusão do curso de
pós-graduação em Gestão de
Projetos Culturais e Organização de
Eventos produzido sob orientação
da Profa. Dra. Soledad Galhardo

CELACC 2009

Resumo

O intuito desse artigo é gerar público para a dança no Brasil. Investiga-se as razões pelas quais a dança não é assunto cotidiano e como a falta de conhecimento afeta a compreensão da profissão do bailarino entre crianças e adolescentes. Propõe-se que a integração da escola com os programas educacionais oferecidos pelas companhias de dança possa modificar a apreciação dessa manifestação cultural para as próximas gerações.

A pesquisa demonstra que a arte da dança enriquece a vida do estudante e sua família e integra comunidades carentes. Os programas educativos oferecidos pelas Companhias de Dança estáveis do eixo Rio - São Paulo estimulam os alunos a serem profissionais um dia, elevam sua auto-estima, desenvolvem a cooperação e habilidades de liderança, além de serem divertidas. Através de programas de qualidade para crianças em um ambiente saudável e não competitivo as companhias criam e educam um público fiel da Dança.

Abstract

The primary aim of this research is to generate a public dance culture in Brazil. We investigate the reasons why dance is not taught in schools and how this lack of knowledge affects the understanding and career path of younger generations of Brazilians. We propose that the integration of educational courses such as those offered through dance companies could change the appreciation of the next generations on a personal and societal level. Our research suggests that the arts enrich the life of the student and family and builds community through cultural awareness. Dance lessons encourage the students to become technically proficient and at the same time build self esteem, cooperation, and leadership skills in addition to having fun. Established dance companies have provided high quality dance classes to the children of Rio-Sao Paulo in a non competitive, socially aware environment. Through this they have created an educated and passionate public for dance.

Resúmen

El objetivo principal de esta investigación es generar una cultura de la danza pública en Brasil. Investigamos las razones por las que la danza no se enseña en las escuelas y cómo esta falta de conocimiento afecta a la comprensión y la trayectoria profesional de las jóvenes generaciones de brasileños. Proponemos que la integración de los cursos educativos tales como los ofrecidos a través de compañías de danza podría cambiar la apreciación de las próximas generaciones a nivel personal y social. Nuestra investigación sugiere que las artes enriquecen la vida del estudiante y su familia y construye comunidad a través de la conciencia cultural. Clases de baile animar a los estudiantes a ser técnicamente competente y al mismo tiempo, aumentar la autoestima, la cooperación, y habilidades de liderazgo, además de divertirse. Las compañías de danza de plantilla han dado clases de baile de alta calidad a los niños de Río-Sao Paulo, en un no competitiva, un entorno social consciente. A través de este que han creado una ciudadanía educada y apasionada por la danza

Introdução

Profissional da Dança há dez anos, atuo como professora e coreógrafa de crianças e adolescentes e como bailarina também.

Observadora do meio que me cerca, comecei a perceber que o público de espetáculos de dança é muito específico: ou são profissionais da área ou são de classe privilegiada.

O objetivo desse artigo é discorrer sobre essa manifestação artística no Brasil e a formação de público para a Dança. Público este que é fiel mas, acredita-se que precisa ser aumentado cada vez mais, com a ajuda de projetos sociais ou programas educativos. Que se leve a dança para a sala de aula, assim como é levado o cinema, o teatro e a novela.

Procurando quem seriam os agentes educadores nesse sentido, investiga-se junto às companhias de dança contemporânea do eixo Rio - São Paulo como sua contribuição é relevante para que o povo brasileiro se familiarize com os espetáculos de dança. Acredita-se que é na deficiência da educação cultural que acontece na infância a origem para o desconhecimento desta arte tida como erudita e exclusiva. Propõe-se então, uma reflexão sobre como educadores podem agir na formação de público para a dança.

Recorreu-se a autores que tratam sobre a dança no Brasil, e constatou-se que o assunto ainda é um campo para investigações, que ainda há muito a ser escrito e descoberto sobre o tema. Percebe-se na história da dança brasileira artistas precursores, que foram marcantes em sua época por se expressar livremente, rompendo as barreiras da dança clássica européia para se dedicar a uma dança que manifestasse a cultura brasileira, seu povo, suas raças, suas cores e sua história.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica histórica da Dança no Brasil, que se articula com a aplicação técnica da observação participante, isto é, o pesquisador é profissional da dança e professor, com um longo processo no contexto da Dança no Brasil, tendo um longo período de vivência que lhe trouxe certas dúvidas: como formar o público para a dança e que papel desempenham as companhias de dança na educação para a cultura.

História da Dança no Brasil

A dança teve suas raízes fincadas no Brasil com a vinda da família real em 1808. A partir desse ano, primeiro na Bahia com a Casa da Ópera, e depois no Rio de Janeiro, com a construção do Real Teatro de São João (1816), as companhias estrangeiras começaram a se apresentar na corte. Entre elas, as óperas e seus balés. Mas foi somente quase um século depois (1909), com a fundação do Teatro Municipal, que a preocupação em transformar o Rio de Janeiro em uma verdadeira metrópole passou a tomar conta da mentalidade dos brasileiros.

Após a inauguração do Teatro Municipal, as companhias tiveram, finalmente, uma casa à altura para suas grandes performances. Cabia à cidade anfitriã fornecer, tal como acontecia nas grandes capitais d'além mar, os bailarinos para as apresentações dos balés de ópera. Em 1913 tentou-se criar a primeira Escola de Dança Oficial do Teatro Municipal. Sua finalidade seria atender à temporada lírica do Rio de Janeiro. Professores particulares de dança já os havia, sendo o primeiro deles Louis Lacombe, um espanhol chegado ao Brasil em 1811. Eram professores para atender a nobreza e a aristocracia em suas piruetas pelo salão. (*Vicenzia: 1997, p.13 e 14*)

Em 1927, Maria Olenewa reúne as condições necessárias para criar a nossa primeira escola de Dança. Secundando a escola, surgiu o corpo de baile, oficializado somente em 1936. Vinte anos após, houve a primeira formatura oficial da turma de bailarinas. Ano após ano formavam-se novos quadros para a dança no país, mas somente em 1956 esses quadros foram reconhecidos oficialmente.

Em São Paulo, a Escola Experimental de Danças do Teatro Municipal foi inaugurada em 1940, tendo como diretor o tcheco Vaslav Veltcheck. Junto com a Escola, e para dar apoio à temporada lírica, foram iniciados os trabalhos do corpo de baile. Para o primeiro espetáculo apresentado, Veltcheck contava com pouco tempo de ensaio e material humano escasso. Foi considerado um milagre o resultado visto no palco. O corpo de baile do Teatro Municipal de São Paulo teve vida curta em sua fase inicial: 1940-1942. Somente a Escola Experimental de Danças Municipal conseguiu se firmar,

depois que foi dissolvido o corpo de baile, tendo Maria Olenewa na direção, de 1942 a 1947. (*Vicenzia: 1997, p.15 e 16*)

Algumas bailarinas brasileiras se destacaram através de sua dança “diferente”, ou muitas vezes chamada de “exótica” que anos depois seria conhecida por “danças brasileiras”. Essas mulheres foram corajosas em se expor, em imprimir a brasilidade na história da dança e assim, abrir os caminhos da dança moderna e contemporânea no Brasil.

Três dessas mulheres ganham destaque neste artigo: Frieda Ullman, Felicitas Barreto e Eros Volússia. Frieda, bailarina gaúcha que dançou na Alemanha, veio para São Paulo em 1931 onde se apresentou na temporada lírica como artista convidada. Em São Paulo, fez amizade com os modernistas, como Mário de Andrade, fundou a primeira escola de dança de São Paulo e cedeu suas alunas para Vaslav Veltschek organizar o corpo de baile do Teatro Municipal em três meses e apresentá-lo na temporada lírica de 1940. (*Vicenzia: 1997, p.17*).

Ullman foi escolhida como a primeira professora de expressão corporal da Escola de Arte Dramática de São Paulo. Nos Estados Unidos, acontecia uma revolução na dança clássica tradicional, protagonizada por Isadora Duncan, bailarina que aboliu o uso das sapatilhas, dançava muitas vezes de improviso e se apresentava ao ar livre. Eros iniciou seus estudos com Maria Olenewa, na Escola de Dança do Teatro Municipal, mas procurava a liberdade de expressão por meio do movimento.

Quando Eros Volússia, apresentou coreografia de sua autoria que se caracterizava pela livre-expressão combinada com dança brasileira, logo foi chamada de Isadora Duncan Brasileira. Sua primeira apresentação pública foi no palco do teatro onde estudou, em 1929, onde participou de uma homenagem ao então presidente Washington Luiz. A bailarina apareceu dançando descalça, acompanhada por violão e batucadas. O que se caracterizou, naquele período, uma ousadia, tendo em vista as tradições daquele espaço. Ousadia que Eros nunca abandonou em toda sua vida artística. Suas coreografias eram caracteristicamente brasileiras.

A presença da bailarina "exótica" em templos de arte, como a Escola de Belas-Artes no Rio de Janeiro, ou nos Archives Internationales de la Danse, em Paris, quebra um precedente que seu talento justifica. Também o Teatro Municipal abre suas portas e Eros Volúcia torna-se a bailarina pioneira em dança brasileira a se apresentar naquele local, em 1937. (acesso em 13/06/2009:<http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=25>)

“Ela fez uma “mestiçagem” da dança clássica com ritmos afro-brasileiros como samba, lundu, candomblé, maxixe, maracatu ou dança indígena e criou o que foi chamado ‘bailado brasileiro’ em oposição às coreografias clássicas impostas pelos coreógrafos da época, de origem estrangeira.” (GÓES: 2007, p.219)

Segundo Soraia Maria Silva, que escreveu para o jornal "O Correio Brasiliense", Eros foi precursora, se alimentava na mesma fonte inspiradora dos grandes mestres da dança moderna internacional, como Isadora Duncan, Rudolf Laban e Mary Wigman e, como eles, desenvolveu uma linguagem muito própria, também expressionista, porém um expressionismo brasileiro, focado em difundir a dança moderna brasileira. Volúcia é considerada o nosso grande salto qualitativo, aquela que inaugurou a atitude de ‘dançarino pesquisador’.

A bailarina, coreógrafa, pintora e escritora Felicitas Barreto estudou na Escola de Bailados com Maria Olenewa e Ricardo Nemanoff. Apresentou-se no Theatro Municipal, na temporada de 1943, a convite de Yuco Lindberg, participando de sua coreografia "A Felicidade". Em 1946, cria seu Ballet Folclórico Nacional, apresentando-se no Teatro João Caetano com as seguintes coreografias: *Tabu, Macumba, Raio de Lua, Casamento de Zumbi, Feitiço e Yemanjá*. Nesta última, chocou o público dançando rodeada por negros, nua da cintura para cima, chegando até a ter problemas com a censura. Participou de vários filmes e de peças de teatro de revista. Decidiu, então, pesquisar as danças indígenas do Brasil e da América Latina, sobre as quais escreveu alguns livros. Criadora do primeiro balé folclórico brasileiro, Felicitas causou um mal estar entre os

clássicos: dançava com torso nu lendas brasileiras, cercada de índios e negros.

Publicou vários livros sobre dança e pesquisa corporal. (*Pereira: 2003, página 175*)

Tanto Eros Volúcia como Felicitas Barreto abriram as portas para outros caminhos na dança nacional, além das sapatilhas. As danças moderna e contemporânea tomaram de assalto os nossos palcos e conseguiram a supremacia desse final de século. Nove entre dez grupos, do norte ao sul do Brasil, apresentam dança contemporânea ou moderna. A dança, liberta de suas amarras históricas, oriundas da corte européia, tornou-se, no Brasil, um nascedouro de todas as tendências. Sendo assim, nas décadas de 1940 e 1950 houve, no Rio de Janeiro e em São Paulo, grande agitação em torno de grupos e companhias particulares. Os coreógrafos, mais do que nunca, faziam escola.

Duas companhias independentes se destacaram na sua época: "O Balé da Juventude", criado em 1945 no Rio de Janeiro o "Ballet do IV Centenário de São Paulo", subvencionado pela prefeitura paulista.

Em 1956 nascia o Ballet do Rio de Janeiro, de Dalal Achcar, uma longa experiência que durou até a década de 1980. Foram destaques Alice Colino, Dalal Achcar, Décio Otero, Ismael Guizer, entre outros.

A dança desabrocha, ganha técnicas voltadas à expressão do corpo (proposta criada pelo casal Klaus e Angel Vianna) e grupos de dança que são conhecidos até hoje iniciam o movimento de dança contemporânea do eixo Rio-São Paulo.

O pioneiro Ballet Stagium iniciou seu percurso em 1971, com o objetivo de uma nova estética para a Dança, uma linguagem entre o clássico e o contemporâneo, sempre privilegiando a temática brasileira. Marika Gidali e Décio Otero criaram o Stagium como filosofia básica a divulgação da dança no Brasil.

Em 1977, nascia "Cisne Negro", escola que virou uma das companhias de dança mais respeitadas do país. Sua criadora e coreógrafa, Hulda Bittencourt, também procurava novas linguagens através da contemporaneidade e do gesto livre. A companhia tem como filosofia a originalidade e a tradição e a preocupação de formar novas platéias

buscando públicos capazes de apreciar a inovação e a beleza. (www.cisnenegro.com.br, acesso em 20/06/2009)

São Paulo foi um celeiro da dança moderna, com destaque para Renée Gumiel, Ruth Rachou, Marilena Ansaldi, Célia Gouvêa, Sonia Mota, Iracity Cardoso, Ivonice Satie, dentre outros tantos nomes da dança brasileira.

A febre de modernidade que tomou conta dos bailarinos teve forte estímulo, no Rio de Janeiro, com a Mostra Novos Coreógrafos, iniciada na década de 1980. Idealizada por Lilia Kuperman em 1984, a Mostra abre um leque de opções para os amantes da dança. Bailarinos tornam-se coreógrafos, abrindo possibilidades para uma arte sempre tão difícil. A Mostra Novos Coreógrafos premiou Déborah Colker, coreógrafa que introduziu no Brasil uma linguagem agressiva, misturando luta e esporte, com forte influência dos contemporâneos nos Estados Unidos (*Vicenzia: 1997, p. 54*). Seu estilo arrebatou o público e é responsável por lotações em teatros onde quer que se apresente.

Em 1993, nasce nos salões do clube Casa do Ninho, onde Deborah dava aulas, o embrião do que seria a Companhia de Dança Deborah Colker. Ela entraria em cena no projeto "O Globo em Movimento" no qual a Companhia estreou em 1994 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em programa duplo com o Grupo Momix.

Em 1995, devido à repercussão de seu trabalho, a Companhia conquistou o patrocínio exclusivo da Petrobrás, o que lhe tem possibilitado alçar grandes vôos e se firmar no panorama da dança mundial. (www.ciadeborahcolker.com.br, acesso em 20/06/2009)

Outra grande companhia de renome internacional, o Balé da Cidade de São Paulo, fundada em 1968 pelo então prefeito Faria Lima, com o nome de Corpo de Baile Municipal, tinha como proposta acompanhar as óperas do Teatro Municipal e se apresentar com as obras do repertório clássico. Seu diretor era Johnny Franklin, e a primeira apresentação pública da companhia foi em 11 de Setembro de 1968 para acompanhar a ópera, e em 06 de abril de 1969 fez sua primeira apresentação como Corpo de Baile.

Em 1974, sob a direção de Antonio Carlos Cardoso, Iracity Cardoso e Marilena Ansaldi, a companhia assumiu o perfil de dança contemporânea que mantém até hoje. Nos anos 80, o experimentalismo marcou a trajetória da companhia. Liderados por Klauss Vianna, os bailarinos eram encorajados a contribuir com suas próprias idéias coreográficas que resultaram em trabalhos marcantes como “A Dama das Camélias”, de José Possi Neto, “Bolero”, de Lia Robatto, e “Valsa para Vinte Veias” de J.C. Violla.

Ainda no final desta década, Luis Arrieta dirige a companhia pela segunda vez e imprime perfil personalíssimo ao único período em que o grupo teve um coreógrafo residente.

Em 1999 o Balé da Cidade destacou de seu elenco alguns bailarinos, os mais experientes e de consolidada carreira, para compor um grupo que busca a vanguarda dentro das tendências da dança contemporânea, abordando linguagens coreográficas através de conceitos e métodos diferenciados. Este grupo chamado Companhia 2 abriu novos horizontes para a dança brasileira e para a própria companhia, seu trabalho foi reconhecido pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo) que lhe conferiu 3 prêmios nos anos de 2005 e 2006.

A longevidade do Balé da Cidade de São Paulo e o interesse da nata coreográfica nacional e internacional em criar para a companhia oficial de dança da cidade de São Paulo mostram seu prestígio no mundo da dança com o incondicional apoio do diretor do Teatro Municipal de São Paulo e do Secretário de Cultura da cidade. (*www.baledacidade.com.br, acesso em 20/06/2009*)

O trabalho de campo foi realizado no eixo Rio-São Paulo sobre Companhias de dança contemporânea estáveis que desenvolvem projetos sociais relevantes para formação de público e educação para futuros profissionais da dança.

A estratégia metodológica utilizada foi a observação participante combinada com entrevista aberta.

A São Paulo Companhia de Dança foi escolhida para ser o foco do trabalho de campo, onde foi realizada uma entrevista com suas diretoras constituída por sete questões abertas. (entrevista relatada na íntegra na página 10)

Na sede da Companhia aconteceu a observação participante, onde houve interação com o fenômeno, objetivando observar o desenrolar de todo o processo em que culmina o evento. (*Oliveira, 2009, p.13*)

Os projetos sociais desenvolvidos pelas companhias pesquisadas estão descritos a seguir.

A Cia. Deborah Colker realiza um projeto social, patrocinado pelo grupo Votorantim em parceria com o Centro de Movimento Deborah Colker tem como objetivo geral a criação de um grupo de dança formado por jovens incluídos no perfil “baixa renda”, já iniciados na formação em dança.

Entre os critérios para que possam participar do projeto , os jovens devem estar matriculados e frequentando instituição de ensino público com média de 70 % de aproveitamento, o que evita a evasão escolar. Além disso, os jovens se submetem a provas de aptidão, ou seja, aulas de dança.

Os integrantes recebem também acompanhamento psicológico, como forma de apoio para que possam aproveitar ao máximo essa inserção no processo de profissionalização e abertura de horizontes proporcionados pelo contato com a arte e com novos grupos e situações sociais. Incluindo suas despesas fixas, ajuda de custo aos integrantes, plano de saúde, passagens, alimentação, produção de um espetáculo e realização de 12 apresentações do grupo em locais alternativos e de fácil acesso para o público.

O projeto objetiva tornar a população participante da cultura, tanto por meio da formação profissional, quanto pela democratização do acesso à experiências artísticas. Já o Balé da Cidade de São Paulo, desenvolve desde 2001, trabalhos paralelos, gratuitos e abertos ao público em geral, como: oficinas, cursos, debates, encontros com personalidades, ações sociais, intercâmbio com universidades, mostras de coreografia,

fotografia, vídeo, dinamizando seu espaço e partilhando seu patrimônio pessoal e cultural com a população da cidade.

Desde agosto 2004 o Balé da Cidade de São Paulo em parceria com o Espaço Criança Esperança Jardim Ângela, vem desenvolvendo o projeto “Educar-Dançando”, dirigido não somente a formação dos jovens apoiados pelo projeto, mas também para intercâmbio técnico e artístico entre esta comunidade e o profissionalismo dos artistas do BCSP.

O BCSP contribui para as questões que envolvem a dança na esfera de políticas públicas sociais e culturais buscando, através do fortalecimento do espírito de cidadania, respeito e desenvolvimento de indivíduos mais conscientes para o amanhã.

O Ballet Stagium trabalha com crianças e adolescentes desde de 1998, e comprovou que as atividades artísticas despertaram grande interesse nas crianças e jovens, permitindo aos especialistas trabalharem diversos aspectos relacionados com o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, especialmente as crianças pertencentes às famílias de baixa renda, da periferia da capital.

O Projeto Joanhina realizado pelo Ballet Stagium iniciou em 1999, com objetivo de oferecer aos jovens das escolas públicas da Periferia de São Paulo a oportunidade de descobrir através da dança a importância da obtenção de conhecimento, informação e cultura, despertando assim o interesse pela sua própria formação profissional.

A São Paulo Companhia de Dança, desde sua criação, atua em três vertentes: difusão (produção e circulação de espetáculos), formação (atividades educativas) e Registro e memória. Cada uma dessas áreas amplia e repercute as obras e as atividades da instituição, com o intuito de formar platéias e disseminar o papel educativo e sensibilizador da arte, além de estimular a reflexão sobre a dança. O programa de Formação, o “Corpo a Corpo”, tem como propósito ampliar o acesso à dança. Canteiro de Obras, Figuras da Dança e Cadernos de Dança são os projetos de Registro e Memória.

A São Paulo Companhia de Dança (SPCD) surgiu em janeiro de 2008, com o anúncio oficial do Governador do Estado, José Serra e pelo secretário de Estado da Cultura, João Sayad. A contratação do elenco foi realizada através de audições por todo o Brasil e Argentina e, dentre os 800 inscritos, escolheu 40 bailarinos. Seu repertório inclui desde obras consagradas do século XX até criações inéditas.

A missão da Companhia é difundir, formar público e realizar registros de memória da dança brasileira.

A SPCD, dentro dos seus limites, emprega uma quantidade de bailarinos importante no cenário brasileiro, que conta com poucas ofertas de trabalho para o profissional da dança. Atualmente emprega oitenta e quatro profissionais ao todo, sendo 42 bailarinos.

Segue o relato da participação do programa "Corpo a Corpo com o professor":

Sábado, dia 1o de agosto de 2009, às dez horas da manhã, começou o programa "Corpo a Corpo com o professor". Na sala, professores de ensino fundamental e educação infantil. A maior parte deles, professores de educação artística. Havia ainda profissionais da Dança e Teatro.

Uma das diretoras da Companhia, Inês Bogéa, se apresenta e dirige os participantes em um "aquecimento", alongando os braços, espreguiçando, percebendo seu corpo. Ela explica que assim, estarão prontos para o que vem a seguir e sugere que os professores iniciem suas aulas nas escolas dessa forma, pois as crianças ficam mais atentas.

Foi apresentado um DVD intitulado "Caixa Preta", onde profissionais do teatro, cenógrafos, arquitetos e técnicos de luz e som explicavam tudo o que se passa nos bastidores de uma apresentação, do palco ao camarim, da platéia ao espetáculo.

Inês Bogéa por vezes parava o vídeo para discorrer sobre alguns pontos cruciais na produção de um espetáculo de dança, em particular, sobre os espetáculos da Companhia que ela dirige.

O grupo assistiu depoimentos dos bailarinos, como é sua rotina de ensaios e aulas, como se sentem instantes antes de entrar em cena. Terminada esta

primeira parte, os participantes foram convidados a assistir ao ensaio de uma das peças que a Companhia apresenta esse semestre, intitulada " Tchaikovsky Pas de Deux", de George Balanchine. Na sala, dois casais de bailarinos, o ensaiador e a professora de ensaio. Olhos observavam atentamente todo e qualquer movimento dos bailarinos. Normalmente, não se aplaude em sala de ensaios, mas essa pequena platéia estava maravilhada e não se conteve; aplaudiu em cada término de cada coreografia. Mesmo sendo um ensaio, onde algumas falhas são observadas e corrigidas pelo ensaiador, para as pessoas que ali estavam, aquilo já era o próprio espetáculo.

Depois desse breve contato com a Companhia, o grupo voltou à sala, onde a diretora o esperava para uma atividade prática: fazer todos dançarem, se movimentarem. Os participantes se colocaram em uma grande roda, andaram para frente, para trás, para os lados. Os movimentos eram acompanhados por sons feitos com a língua e por palmas. Por fim, deram as mãos e cantaram "Ciranda cirandinha". Estava pronta a coreografia. Um exercício que envolvia lateralidade, ritmo e coordenação. Não importava se todos o executavam corretamente, estavam todos dançando. Assim como os bailarinos da Companhia que assistiram; usaram os mesmos elementos de uma coreografia elaborada e dançaram com movimentos simples e divertidos.

Repetiram por algumas vezes a "coreografia" e depois todos se sentaram novamente para as colocações finais. Um diálogo entre a diretora da Companhia e os professores.

Durante todo o programa, foram sugeridas várias maneiras de os professores aproximarem seus alunos da dança. No material que todos receberam, há um pequeno livro que conta a história do teatro, quando a dança surgiu, o que é um cenário, e entre essas informações há sugestões de como situar a dança nas disciplinas do currículo escolar, por exemplo, Geografia ou História.

Se todas as escolas conseguissem participar de um programa como esse, as crianças brasileiras teriam mais intimidade com um espetáculo de dança, com o teatro, com o ofício do bailarino ou com o trabalho de um técnico de luz.

Ficou evidente que o programa “Corpo a Corpo” cumpre seu objetivo na interação da Dança com a Escola. Os professores que participaram do encontro relataram que fazem o uso das sugestões apresentadas e que obtêm excelentes resultados junto aos seus

alunos. Informam também que estes alunos demonstram bastante interesse sobre o assunto e que participarão do “Corpo a Corpo com o aluno”, onde terão contato direto com o teatro e a Companhia.

O número de estudantes que participam deste programa é relevante na disseminação da dança pelas escolas. Em sua maioria, são escolas públicas da localidade onde a Companhia se apresenta. Crianças e jovens levam para casa toda experiência pelas quais passam, divulgando assim a profissão do bailarino, do coreógrafo, do contra-regra, dos técnicos de luz e som. Desse modo, despertam curiosidade, interesse e por vezes fascínio sobre como acontece um espetáculo. Surge a vontade de conhecer, de presenciar tal manifestação. Por ser uma companhia de dança subvencionada pelo Estado, seus ingressos são a preços acessíveis, o que incentiva ainda mais essas famílias terem acesso aos espetáculos.

Através de relatos da direção da companhia, observa-se que não só os alunos têm vontade de assistir ao espetáculo, como também trazem amigos e familiares para compartilhar a experiência que vivenciaram horas antes nos ensaios abertos.

Os idealizadores do programa “Corpo a Corpo com o estudante” têm observado que quando a Companhia retorna à uma cidade onde já tenha realizado o programa, seu público torna-se mais diversificado e não mais se resume a profissionais do meio artístico.

Observou-se durante todo o processo de pesquisa que as Companhias têm grande preocupação de difundir e divulgar seu trabalho junto às classes menos privilegiadas financeiramente, pois é junto a escolas públicas ou em comunidades da periferia que acontecem os programas educativos. Deste modo, constata-se que estes programas não atingem crianças e jovens que estudam em escolas particulares.

Considerações finais

"Oxalá que a Dança um dia seja assunto de botequim, (...) que as pessoas possam discutir sobre dança com a mesma desenvoltura com que conversam sobre futebol." Inês Bogéa, SP, 2009

Num país como o Brasil a dança ainda é um assunto, considerado por muitos, erudito e de classe hegemônica.

Após este estudo, surgem reflexões a respeito de como as iniciativas das companhias podem mudar a formação de público que vai ao teatro assistir a um espetáculo de dança. As companhias estáveis do eixo Rio-São Paulo desenvolvem projetos geralmente junto à comunidades de baixa renda. Assim, estudantes das classes C e D têm mais oportunidade de conhecer o trabalho dos bailarinos, vivenciar sua rotina e aprender como funciona uma Companhia de Dança do que crianças de classe A e B que, supostamente têm mais acesso a este tipo de manifestação cultural. Para ilustrar este pensamento, descrevo uma situação particular:

Ensino dança para crianças e adolescentes de um clube considerado classe A, senão AA em São Paulo. Minhas alunas constantemente viajam e me relatam sobre shows e espetáculos que assistiram fora do país. Ano passado, uma companhia de dança contemporânea americana veio se apresentar no Teatro Municipal em São Paulo. Como tenho contato com a direção da companhia, pedi autorização para que minhas alunas com idade entre 14 e 17 anos tivessem acesso às aulas e ensaios dos bailarinos antes da apresentação do espetáculo que aconteceria naquela noite. Nove entre doze adolescentes que participaram deste evento nunca tinham ido ao Teatro Municipal. Jovens estas que frequentam aulas de dança desde a infância, desconhecem os principais grupos de dança brasileiros e não costumam ir ao teatro para assistir as apresentações.

Através deste artigo, constatou-se que a formação de público culturalmente ativo está ligada à educação. Não se comenta sobre espetáculos nas salas de aula, seja em escolas públicas ou particulares, no jardim de infância ou Universidades. Um exemplo disso é a Universidade de São Paulo, uma das melhores universidades do Brasil, não

possui em sua grade curricular o Curso de Graduação em Dança. A maior cidade da América Latina, que abriga Companhias de Dança Contemporâneas e Clássicas, considerada um pólo cultural não oferece estudo gratuito em dança em sua Universidade. Os jovens que são estimulados a seguir uma carreira dentro da dança através de programas educativos em São Paulo precisariam pagar uma escola particular para se tornarem profissionais, ou ir em busca de universidades de ensino público em outras localidades, como Campinas-SP ou Salvador-BA.

O intuito deste artigo era questionar o porque de não termos público para Dança no Brasil. A resposta se encontra em programas educativos que as Companhias de Dança propõem, em especial o da SPCD: onde se apresenta, seja no interior do País ou em grandes centros, seja em espaços públicos ou em teatros da iniciativa privada, a São Paulo Companhia de Dança realiza seu trabalho de corpo a corpo com o professor e com os alunos. Alunos de todas as idades, a partir de 3 anos, de escolas públicas ou particulares, amantes da dança ou não. Alunos que sobem ao palco e experimentam tornar-se bailarinos, que têm a oportunidade de ter contato com essa manifestação cultural que faz iludir, refletir, rir, chorar; que tem desde o simples objetivo de entreter quem assiste, como até expressar momentos políticos e sociais.

O importante é fazer com que a dança brasileira, tão reconhecida internacionalmente, seja aplaudida cada vez mais por cidadãos brasileiros, desde a infância até a maturidade e de qualquer faixa social.

“O trabalho de formação acontece, mesmo que indiretamente, nas diferentes ações da companhia: espetáculos, projetos educativos e de memória. Quanto mais conhecemos, mais podemos nos relacionar com a dança.” São Paulo Companhia de Dança, SP, 2009

Bibliografia

- VICENZIA, Ida. Dança no Brasil. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.
- PEREIRA, Roberto. Formação do Balé Brasileiro: Nacionalismo e Estilização: Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003
- GÓES, Ludenbergue. Mulher Brasileira em Primeiro Lugar. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007
- OLIVEIRA, Dennis. Manual de Metodologia da pesquisa de Bens Simbólicos. CELACC, 2009

Sites

- http://www2.correioweb.com.br/cw/2002-02-26/mat_34083.htm
- <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=25>
- www.saopaulocompanhiadedanca.art.br
- www.stagium.com.br
- www.ciadeborahcolker.com.br
- www.baledacidade.com.br

Entrevista: São Paulo Companhia de Dança, em 25 de junho de 2009.

Diretoras: Iracity Cardoso e Inês Bogéa

1) Como surgiu a SPCD?

O nascimento da São Paulo Companhia de Dança, em janeiro de 2008, representa um esforço para a ampliação da cultura nessa área. Ela foi anunciada oficialmente pelo governador do Estado de São Paulo, José Serra, e pelo secretário de Estado da Cultura, João Sayad. A equipe tem à frente duas relevantes profissionais da dança brasileira, Iracity Cardoso e Inês Bogéa. Seu repertório inclui desde obras consagradas do século XX até criações inéditas.

A Companhia iniciou suas atividades com um projeto amplo, que coloca lado a lado a produção e circulação de espetáculos -- com remontagens de clássicos da dança e criações inéditas--, atividades educativas e produção de materiais sobre reflexão e memória da dança.

O primeiro passo dessa empreitada foi a contratação do primeiro elenco. Para isso, as diretoras, o professor e coordenador de ensaio Ricardo Scheir e o produtor Luca Baldovino realizaram audições em todo o Brasil e na Argentina, com mais de 800 inscrições, e selecionou 40 bailarinos. A cada nova temporada anual, são realizada novas audições e novos bailarinos passaram a integrar o grupo.

Desde sua criação, a Companhia convida professores com diferentes formações para dar aulas diárias aos bailarinos e assim oferecer mais habilidade para lidar com novas linguagens.

2) Qual a missão da Companhia?

São Paulo Companhia de Dança, desde sua criação, atua em três vertentes: difusão (produção e circulação de espetáculos), formação (atividades educativas) e

registro e memória. Cada uma dessas áreas amplia e repercute as obras e as atividades artísticas da instituição, com o intuito de formar plateias e disseminar o papel educativo e sensibilizador da arte, além de estimular a reflexão sobre a dança.

3) Quem são seus gestores?

A Companhia hoje é parte da Organização Social Assaoc (Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo) que responde a Secretaria de Estado da Cultura pelo trabalho da São Paulo Companhia de Dança.

4) Quantos bailarinos a Companhia possui? E quantas pessoas são responsáveis por aulas, direção, figurino, iluminação e a parte técnica?

Atualmente, a companhia tem 42 bailarinos vindos de diferentes partes do Brasil e exterior. As diretoras são Iracity Cardoso e Inês Bogéa. Além disso, outras 37 pessoas participam diretamente do cotidiano da companhia entre equipe de ensaio, equipe de produção, equipe técnica e equipe administrativa.

5) Quais os espetáculos que já realizaram?

Em 2008, foram montadas quatro coreografias, duas inéditas – *Polígono*, de Alessio Silvestrin, e *Entreato*, de Paulo Caldas – e dois clássicos do século XX, *Les Noces*, de Bronislava Nijinska, e *Serenade*, de George Balanchine. A primeira temporada de 2009 incorpora duas novas coreografias ao repertório *Gnawa*, de Nacho Duato, e *Ballo*, de Ricardo Scheir, com música original de André Mehmari e encenação de Marcio Aurelio. Para outubro, teremos uma nova criação de Daniela Cardim, bailarina e coreógrafa brasileira que atualmente vive na Holanda.

6) Quais as cidades em que foram apresentados?

Em 2008, a São Paulo Companhia de Dança se apresentou em Belém, Caraguatatuba, Curitiba, João Pessoa, Ribeirão Preto, Santos, São Paulo.

Em 2009, as cidades programadas são Araraquara, Belo Horizonte, Bauru, Caraguatatuba, Fortaleza, Indaiatuba, Joinville, Ourinhos, Piracicaba, Porto Alegre, Salvador, Santos, São Carlos, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Paulo.

7) Quais os programas de educação que a SPCD desenvolve? Onde são realizados esses programas (escolas, comunidades...)?

O Corpo a corpo é o nosso programa de formação: ele se divide em duas etapas, na primeira temos encontros com professores e arte-educadores (Corpo a Corpo com o Professor) onde eles recebem um material em vídeo e textos que pode ser utilizado em sala de aula, participam de uma palestra teórico-prática. Se for em São Paulo, isso acontece na sede da Companhia, onde eles também assistem a trechos do ensaio. Na segunda etapa (Corpo a Corpo | Ensaio Aberto), os professores trazem seus alunos para assistirem a um ensaio aberto da Companhia em um teatro, onde comentamos um pouco do processo de produção e montagem e alguns alunos são convidados a subir no palco para vivenciar algum movimento da coreografia assistida. Fazemos este trabalho por todas as cidades onde passamos. Além disso, temos espetáculos gratuitos para estudantes, de todas as idades, nas temporadas da Companhia.

Na área de memória realizamos programas em parceria com a Fundação padre Anchieta -TV Cultura: Figuras da Dança e Canteiros de Obras. A série Figuras da Dança tem duas etapas: em um primeiro momento acontece o depoimento público no Teatro Franco Zampari onde as pessoas podem escutar a história da dança contada por seus artistas. No segundo momento, é feito um documentário, a partir desse depoimento que passa na TV Cultura, ampliando a possibilidade de as pessoas conhecerem o universo da dança. Ano passado, revisitamos a história de cinco artistas: Ivonice Satie, Ismael Guiser, Ady Addor, Marilena Ansaldi, Penha de Souza. Este ano, os artistas convidados são: Ruth Rachou, Hulda Bittencourt, Antonio Carlos Cardoso, Tatiana Leskova, Luis Arrieta. Já o Canteiro de Obras mostra o processo de construção das coreografias da Companhia. Ambos os programas tem concepção de Inês Bogéa e Iracity Cardoso e direção de Inês Bogéa Luis Carlos Rebesco, em 2008, e Inês Bogéa e Sergio Roizenblit, em 2009. Além disso, procurando ampliar o espaço de reflexão da dança, a Companhia lançará em

2009 um livro de ensaios com 40 fotografias: *Primeira estação – ensaios sobre a São Paulo companhia de Dança*. Os autores são: Beatriz Cerbino, Ciane Fernandes, Inês Bogéa (org.), Iracity Cardoso, José Possi Neto, Lilia Moritz Schwarcz, Marcelo Coelho, Modesto Carone, Roberto Gambini, Vadim Nikitin; fotos de João Caldas e Jurandir Muller. O trabalho de formação acontece, mesmo que indiretamente, nas diferentes ações da companhia: espetáculos, projetos educativos e de memória. Quanto mais conhecemos, mais podemos nos relacionar com a dança.

Diário de Bordo:

Data	Evento	Pequena reflexão
17/06/2009	Procurei na internet algumas companhias e escolas de dança que mantêm programas sociais e de formação de público. Duas me chamaram a atenção: a São Paulo Companhia de Dança e a Escola do Ivaldo Bertazzo. Mande e-mail para as duas assessorias, falando sobre minha pesquisa.	Achei muito interessante o site da São Paulo Cia. De Dança. Sua missão é formar público, e acredito que tem tudo a ver com meu objeto pesquisado. A “Escola do Movimento”, criada por Bertazzo também me chamou a atenção pelo seu conhecido trabalho do “cidadão dançante”. Se “pessoas comuns” viram bailarinos, a cia. promove a dança para que chegue a todos. - concluí. A companhia é conhecida por seu trabalho junto a comunidades carentes e seus espetáculos são aplaudidos por milhares de pessoas. Julguei interessante e quis buscar junto a eles os resultados desse trabalho, como os familiares dos alunos enxergam a dança após assistir seus filhos desempenharem tão bem a função de bailarinos.
18/06/2009	Recebi o e-mail da São Paulo Companhia de Dança, agradecendo o contato e explicando que, como a Companhia estava em temporada fora de São Paulo, se seria possível eu já elaborar as perguntas para a entrevista, assim a assessoria já repassaria para as diretoras Inês Bogéa e Iracely Cardoso	Fiquei entusiasmada com o rápido retorno da Companhia e assim, entrei em contato com a orientadora deste artigo para me ajudar a elaborar a entrevista. Não tive resposta da Escola de Ivaldo Bertazzo e fiquei bastante decepcionada. Não me senti a vontade para ir a fundo na pesquisa junto a escola, esperei por um retorno, na esperança de um futuro contato, até mesmo de um convite para visitá-los.
20/06/2009	Recebo um e-mail da Escola do Movimento de Ivaldo Bertazzo.	O e-mail era uma mala direta promocional, com valores de matrícula, valor do curso, tempo de duração. Resolvi me dedicar somente ao contato da São Paulo Companhia de Dança (SPCD)
22/06/2009	Mando as perguntas da entrevista por e-mail	Foram 7 questões abertas,

	para a assessoria da SPCD	perguntando sobre o histórico da Cia., como funcionava, quem eram seus gestores e quais os programas que possuía.
25/06/2009	Recebo as respostas da diretoria da SPCD	Fico entusiasmada com o trabalho realizado pela SPCD de envolver o público, de registro de memória e da própria estrutura que possui
1º/08/2009	Corpo a Corpo com o professor na sede da SPCD	Fui ao encontro como pesquisadora-participante. Fui extremamente bem recebida pela direção da Companhia, interessada na minha pesquisa. Os professores que estavam participando do encontro, no primeiro momento ficaram meio desconfiados, mas depois de 10 minutos, nem se lembravam qual era o meu papel naquela sala.